

O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO E A INFLUÊNCIA NA GEOECONOMIA, GEOPOLÍTICA E SEGURANÇA MUNDIAL

PAULO JOSÉ CHAVES FONSECA*
Capitão-Tenente (AFN)

SUMÁRIO

Introdução
Breve digressão do conflito
Possível desdobramento na geopolítica mundial
Provável impacto na geopolítica global
Análises sobre os dilemas de segurança
Considerações finais

INTRODUÇÃO

A invasão da Rússia à Ucrânia, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, representará um divisor de águas na história das relações internacionais do século XXI. Em que pese o fato de conflitos no continente europeu não terem sido novidade no pós-Guerra Fria, como nos casos da desintegração da Iugoslávia (1992-1995),

da guerra em Kosovo (1999) e das invasões russas à Geórgia (2008) e à própria Ucrânia (2014) – Península da Crimeia e região de Donbass –, o conflito em curso tem natureza distinta, logo, implicações também distintas para a economia, a política e a segurança internacional.

O conflito na Ucrânia e a relação deste país com a Rússia são complexos e multifacetados, com antecedentes his-

* Coordenador-Assistente do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha (Cepe-MB). Possui mestrado em Estudos Marítimos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval (EGN) na Linha de Pesquisa 1 – Política e Estratégia Marítimas.



Figura 1 – Assinatura do Memorando de Budapeste (1994)

Fonte: Smart Enciclopédia. Disponível em: <https://smartencyclopedia.eu/content/2022-invasao-russa-da-ucrania-em-atualizacao-constante/>. Acesso em: 27 jun. 2022

tóricos que muito bem retratam o porquê do conflito. Moraes (2004) afirma que “a história da Ucrânia e a da Rússia se misturam em vários momentos desde a criação dos dois Estados. Para os russos, Kiev é o berço da Rússia moderna. Para os ucranianos, porém, a Rus de Kiev [...] é, sem dúvida, a mãe da Rússia moderna, mas não se confunde com ela”.

Com o fim da União Soviética, a Ucrânia herdou parte significativa do seu poder de combate. Segundo Cirincione, Wolfsthal e Rajkumar (2005, pp. 378-379):

A Ucrânia possuía o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, algo superior a 1.900 ICBMs; entre 2.650 e 4.200 ogivas nucleares táticas em seu território, incluindo 176 silos de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais (130 SS-19 e 46 SS-24), além de 44 bombardeiros estratégicos.

Em 1994, o país assinou, com Rússia, Estados Unidos da América (EUA), Reino Unido e Irlanda do Norte, o Memorando de Budapeste, pelo qual, em troca da transferência completa de seu arsenal

nuclear aos russos e da adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), os signatários garantiam sua proteção contra qualquer ameaça à soberania, integridade territorial e guerra econômica (ONU, 1994):

Os Estados Unidos da América, a Federação Russa e o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte reafirmam sua obrigação de absterem-se da ameaça ou do uso da força contra a integridade territorial ou a independência política da Ucrânia e que suas armas nunca serão usadas contra a Ucrânia, exceto em autodefesa ou de outra forma, de acordo com a Carta das Nações Unidas (ONU, 1994, pp. 169-170, tradução nossa).

Isto foi, talvez, uma prova do despreparo, da imaturidade e da ingenuidade política da Ucrânia independente, sendo seu maior erro estratégico, pois, além de entregar a única arma que poderia dissuadir qualquer tipo de ameaça, a Ucrânia deixou de ser um *player* de respeito na comunidade internacional, consequência do poder coercitivo resultante da posse de tais armas.

O Memorando de Budapeste foi um claro exemplo de que uma nação não pode abrir mão da sua própria independência e de meios de defesa e uma lição de que não se pode delegar a terceiros a responsabilidade por sua segurança. Alguns países, principalmente os EUA e outros membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), argumentam que a recente agressão russa, incluindo a anexação da Crimeia, viola o Memorando de Budapeste que levou a Ucrânia a renunciar às armas nucleares em seu território, após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a adesão ao TNP.

Neste contexto, busca-se analisar o que parecem ser os mais prováveis caminhos e cenários sobre o desenrolar do conflito na Ucrânia, bem como discutir a evolução do quadro de segurança europeia e global em um cenário pós-invasão russa.

Parte-se do pressuposto de que qualquer análise sobre o conflito entre Kiev (Kyiv, para a Ucrânia) e Moscou precisa levar em conta não apenas as várias camadas temporais que constituem as raízes das divergências entre ambos os países, mas também considerar a variedade de atores (dos Estados pós-soviéticos à União Europeia e aos EUA) e os diferentes níveis de análise (local, nacional, internacional, transnacional) envolvidos na forma pela qual o conflito vem se desenrolando e em suas consequências para a ordem internacional.

Os dados primários, além de materiais da mídia e documentos governamentais, foram levantados a partir de uma pesquisa investigativa feita pelo autor.

BREVE DIGRESSÃO DO CONFLITO

O conflito armado no leste da Ucrânia eclodiu no início de 2014, após a anexação da Crimeia pela Rússia. No ano anterior, protestos na capital Kyiv (Kiev, para os russos) contra a decisão do então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich¹, de rejeitar um acordo para maior integração econômica com a União Europeia (UE), foram recebidos com uma violenta repressão das forças de segurança do Estado.

Os protestos aumentaram, acirrou-se o conflito, e o Presidente Yanukovich foi derrubado em fevereiro de 2014.

Um mês depois, em março de 2014, tropas russas assumiram o controle da região da Crimeia,

na Ucrânia. O presidente russo, Vladimir Putin, citou a necessidade de proteger os direitos dos cidadãos russos e falantes de russo na Crimeia e no sudeste ucraniano. A Rússia então anexou formalmente a península, depois que a Crimeia votou para se juntar à Federação Russa em um disputado referendo local. A crise aumentou as divisões étnicas, e, dois meses depois, separatistas pró-Rússia nas regiões de Donetsk e Luhansk, no leste ucraniano,

O Memorando de Budapeste foi exemplo de que uma nação não pode abrir mão de sua independência e seus meios de defesa

¹ Yanukovich foi presidente da Ucrânia de 2010 até fevereiro de 2014. Disponível em: <https://fortune.com/2022/03/02/viktor-yanukovich-yanukovich-putin-put-back-in-power-ukraine-russia/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

realizaram um referendo para declarar a independência da Ucrânia².

O conflito armado na região rapidamente eclodiu entre as forças apoiadas pela Rússia e os militares ucranianos. Moscou negou envolvimento militar, embora Ucrânia e Otan tenham relatado o acúmulo de tropas e equipamentos militares russos perto de Donetsk e bombardeios russos transfronteiriços, imediatamente após a Rússia anexar a Crimeia. O conflito mudou para um impasse ativo, com bombardeios e escaramuças regulares ocorrendo ao longo da linha de frente que separava as regiões fronteiriças controladas pela Rússia e pela Ucrânia, no leste.

A partir de fevereiro de 2015, França, Alemanha, Rússia e Ucrânia tentaram iniciar as negociações e intermediar a cessação da violência por meio dos Acordos de Minsk (RAHMAN, 2022). A estrutura do acordo incluía disposições para um cessar-fogo, retirada de armamento pesado e controle total do governo ucraniano em toda a zona de conflito. No entanto os esforços para alcançar um acordo diplomático e uma resolução satisfatória foram em grande parte infrutíferos.

Em abril de 2016, a Otan anunciou que a aliança enviaria quatro batalhões para a Europa Oriental, rotacionando tropas pela Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia para impedir uma possível futura agressão russa em outros lugares da Europa, particularmente nos países bálticos. Em 2017, os EUA também enviaram brigadas de tanques de seu Exército para a Polônia, reforçando ainda mais a presença da Otan na região (AFP, 2017).

Em janeiro de 2018, os EUA impuseram novas sanções a 21 indivíduos (incluindo vários funcionários russos) e nove empresas ligadas ao conflito no leste da Ucrânia. Em março de 2018, o Departamento de Estado americano aprovou a venda de armas antitanque para a Ucrânia, a primeira venda de armamento letal desde o início do conflito. Em outubro de 2018, a Ucrânia juntou-se aos EUA e a outros sete países da Otan, em uma série de exercícios aéreos de grande escala no oeste da Ucrânia. Os exercícios ocorreram depois que a Rússia realizou seus exercícios militares anuais em setembro de 2018, os maiores desde a queda da União Soviética (PRESSE, 2018).

A Ucrânia tem sido alvo de milhares de ataques cibernéticos. Em dezembro de 2015, mais de 225 mil pessoas ficaram sem energia em todo país, em ataque a empresas de geração de energia, e, em dezembro de 2016, partes de Kiev sofreram outro apagão após atentado semelhante contra uma empresa de serviços públicos ucraniana³. Em junho de 2017, sistemas de computadores governamentais e empresariais foram atingidos pelo ataque cibernético NotPetya, atribuído à Rússia. A invasão se espalhou para sistemas de computadores em todo o mundo, causando danos de bilhões de dólares. Em fevereiro de 2022, *sites* do governo ucraniano, incluindo os dos ministérios da Defesa e do Interior, da rede bancária e de outras organizações, foram alvo de ataques de negação de serviço ao lado da invasão russa.

Este histórico é importante não apenas para se analisar a complexidade das causas do conflito russo-ucraniano em curso, mas

2 Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140510_referendo_ucrania_mdb_lgb. Acesso em: 22 jun. 2022.

3 Mais informações disponíveis em: <https://www.cisoadvisor.com.br/malware-que-atacou-ucrania-revela-falhas-das-eletricas-nos-eua/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

também para refletir sobre os caminhos e cenários prováveis do conflito e suas consequências para o mapa global.

POSSÍVEL DESDOBRAMENTO NA GEOECONOMIA MUNDIAL

Mesmo que o revisionismo russo na Europa fique restrito ao *status* da Ucrânia e que as implicações mais graves do dilema de segurança entre Otan e Rússia sejam contidas, as consequências geoeconômicas das ações de Moscou provavelmente serão profundas e duradouras, marcando a história econômica do século XXI.

A Rússia exerce um papel muito importante no cenário global quando o assunto é energia. Por isso, a invasão à Ucrânia tem levado a uma alta no preço dos combustíveis ao redor do mundo, incluindo o Brasil. O preço do barril de petróleo, por exemplo, atingiu valores recordes, acima dos 100 dólares por barril, o que não acontecia desde 2014 (BBC, 2022).

A Rússia é a terceira maior produtora de petróleo do mundo, atrás apenas dos EUA e da Arábia Saudita. Mas, se forem levados em consideração petróleo cru e seus derivados, como gases liquefeitos, gasolina, nafta, querosene e outros, a Rússia toma a frente como a maior exportadora do mundo, respondendo por 12% da produção mundial de petróleo e por 17% da produção de gás natural. Junto à vizinha Ucrânia, aquele país é responsável por um terço da produção mundial de trigo e um quarto da produção global de milho. Ao lado de Belarus, a Rússia responde por 23% da oferta mundial de fertilizantes. Leva-se em consideração, também, que cerca de 41% do gás consumido na União Europeia (UE) é proveniente da Rússia (BBC, 2022). Resta compreender que, quando se colocam sanções sobre essa imensa nação, geram-se escassez e aumento de preços, o que, em efeito cadeia, afeta todo o planeta.

Nada leva a crer que as duríssimas sanções impostas pelo Ocidente serão suspensas após o fim das hostilidades. Na

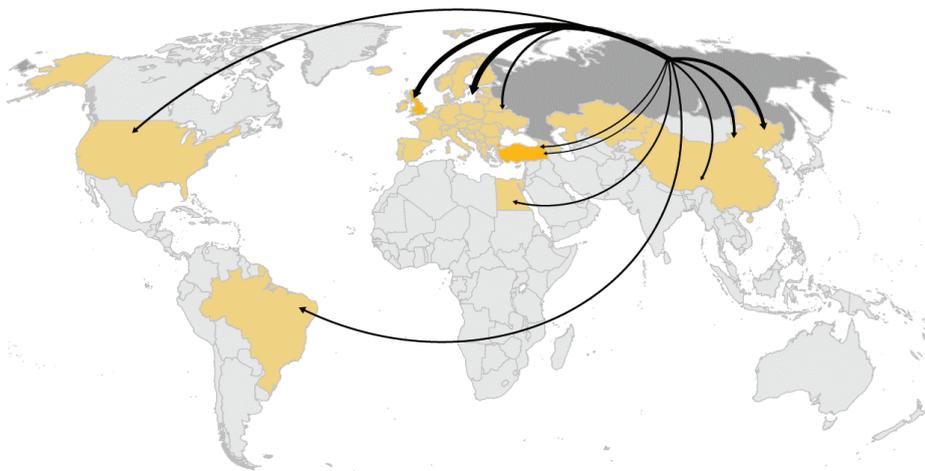


Figura 2 – O destino das *commodities* russas

Fonte: Bloomberg, 2022. Disponível em: https://assets.bwbx.io/images/users/iqjWHBFdfxIU/ifv_Kk8aYmu8/v0/-1x-1.png. Acesso em: 28 jun. 2022

A dependência dos países da UE do gás russo

Porcentagem do total das importações de gás natural russo em 2020

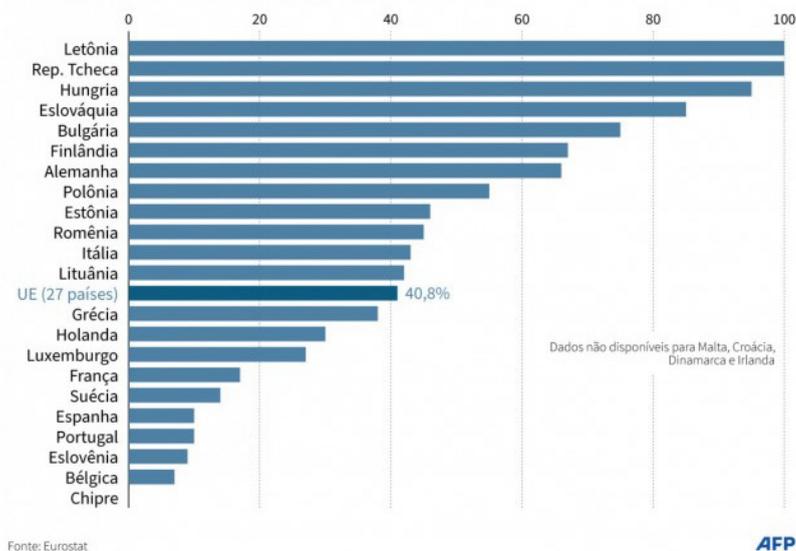


Figura 3 – A dependência dos países da União Europeia do gás russo

Fonte: JP News. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/entenda-o-que-significa-o-corte-de-gas-russo-para-a-europa.html>. Acesso em: 28 jun. 2022

prática, a onda de sanções contra Moscou, sem precedentes no sistema econômico internacional até então, dado o tamanho da economia russa e seu grau de interdependência junto ao Ocidente, possivelmente, representará o início de um processo de desglobalização produtivo-financeira, fechando-se o ciclo de integração global intensificado com o fim da Guerra Fria nos anos 1990. “Autonomia estratégica” é algo que a UE vem fomentando para justificar investimentos e políticas voltadas para fortalecer a capacidade tecnológica e de produção na própria região, para ser menos vulnerável a interrupções (FERRAZ, 2021).

Por mais que essa desglobalização já tivesse sido iniciada pelas próprias implicações geoeconômicas trazidas pela pandemia de Covid-19 e pela rivalidade geopolítica entre EUA e China, as sanções

contra a Rússia levaram esse processo a outro patamar, muito mais significativo e de difícil retorno no curto prazo, com potencial formação, inclusive, de um bloco econômico entre Rússia e China, em contraponto ao bloco econômico ocidental. Mesmo que esses blocos não cheguem a apresentar o distanciamento que os EUA e a URSS tiveram nas primeiras décadas da Guerra Fria, isso resultaria, se concretizado, em mudança profunda na economia global.

O cenário esboçado acima aponta para um contexto geopolítico fortemente tenso e potencialmente instável no continente europeu, com implicações graves para o sistema internacional. Dificilmente conflitos e tensões na Europa ficarão presos ao continente, dadas a concentração de potências e de grandes potências em disputa no espaço geopolítico europeu,

as ramificações globais e a capacidade de projeção mundial de poder que aqueles Estados possuem.

Tende-se a assistir, portanto, à formação de uma “multipolaridade confrontacional” entre EUA e Rússia, com eventual participação chinesa, em graus distintos e em várias regiões do globo, do Oriente Médio à África, da América Latina ao Indo-Pacífico. Tendo em vista os graves desafios globais em curso, da pandemia ao aquecimento global e do aumento das desigualdades socioeconômicas à crise das democracias liberais, é difícil imaginar como a terceira década do século XXI poderia ter se aberto de uma forma mais desafiadora para a humanidade.

PROVÁVEL IMPACTO NA GEOPOLÍTICA GLOBAL

Contrariando os prognósticos da maioria dos especialistas, Vladimir Putin ordenou a invasão do território ucraniano em 24 de fevereiro de 2022. As justificativas apontadas pelo chefe do Kremlin foram as de proteger as populações de origem russa na região de Donbass (Donetsk e Luhansk), “desnazificar” a Ucrânia e assegurar que o país não venha a fazer parte da Otan, o que seria considerado uma ameaça à segurança russa (SANCHES, 2022; VELOSO, 2022).

O conflito também gerou desdobramentos relevantes no mundo da política internacional. O governo da Alemanha anunciou que irá se remilitarizar em função do cenário instável do Leste Europeu. A última vez que isso havia acontecido foi durante o III Reich, sob a gestão de Adolf Hitler (VIRGULINO, 2022). Outro país que chamou a atenção do mundo foi a Suíça, que rompeu sua neutralidade histórica ao condenar a invasão russa e impor restrições aos recursos russos em

seus bancos (PODER360, 2022). Por fim, os EUA se reaproximaram da Venezuela, sua tradicional rival nas Américas (SANCHES, 2022). O interesse de Washington é conseguir novos fornecedores de petróleo para superar a dependência do óleo russo.

Percebe-se que a guerra bagunçou, e muito, os tabuleiros geopolítico e geoeconômico globalizados. Como as rodadas de negociação entre Kiev e Moscou fracassaram, a tendência é de que o conflito continue e que haja uma escalada da violência, à medida que os russos avancem sobre a capital Kiev. Ainda que Putin consiga depor o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, terá diante de si a difícil tarefa de reerguer a economia russa em meio a sanções econômicas.

As sanções impostas à Rússia são um claro sinal de novos tempos na política global. Este conflito tem potencial para envolver diversos países, de forma a dividir o mundo em dois grandes eixos e gerar grande prejuízo global. A Rússia possui um dos exércitos mais fortes do mundo e um número considerável de armas nucleares. Já a Ucrânia modernizou sua capacidade bélica com armas e equipamentos oriundos de países ocidentais. Assim, o conflito pode evoluir para uma guerra em nível regional e até mesmo mundial, pelo apoio das nações ocidentais, como os EUA e o Reino Unido, à Ucrânia, assim como o apoio de países aliados à Rússia, como Belarus e China.

Uma das alternativas para conter o avanço russo foi a adoção de contínuas sanções dos países ocidentais à Rússia. O presidente americano, Joe Biden, promoveu restrições envolvendo transações do governo russo em moedas estrangeiras e o bloqueio dos ativos dos quatro grandes bancos russos. Biden, com isso, ainda declarou que as relações entre Washington e

o Kremlin se encontram em ruptura completa (AFP, 2022). O primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, também anunciou sanções econômicas, como congelamento financeiro e banimento de exportações.

Após os acontecimentos iniciados em fevereiro de 2022, torna-se perceptível que a Ucrânia, ato contínuo à sua invasão, vive um jogo de perde-perde. Se continuar a se defender, provavelmente perderá sua autonomia, e teremos em poucos dias a queda do governo central de Kiev para o poder militar russo. E, se assinar acordos se comprometendo a não se associar à Otan, vai demonstrar que sua política externa está subjugada aos desejos de outra nação. Fica evidente que uma “caixa de pandora” foi aberta. É um marco de uma nova era que se inicia, de conflitos significativos entre as potências ocidentais e as potências totalitárias orientais, reflexo de um processo que pode culminar em enormes impactos geopolíticos, econômicos, sociais e de segurança para a população global.

Os erros do passado, assim, parecem não ter servido como lição para os envolvidos, ao passo que a história se repete. O conflito se mostra longe de acabar, e as sanções aplicadas até agora não surtiram o efeito desejado contra o Kremlin, que se mostra preparado estrategicamente e alinhado com a China comunista de Xi Jinping. Sem uma ofensiva forte por

parte da Otan e, principalmente, dos EUA, ademais das medidas econômicas e diplomáticas, a Rússia continuará tendo força para continuar sua ofensiva.

Seja qual for o desfecho do ponto de vista geopolítico, é importante firmar que se abre hoje uma nova porta no que diz respeito às relações entre nações, em que o *hard power*⁴ passa a ter uma relevância cada vez mais forte nos próximos anos. A segurança nacional passa a predominar no campo das relações internacionais, tão importante quanto a economia e as finanças. A possibilidade de projetos, como um Exército Conjunto europeu, deve avançar com mais rapidez na Europa, e nações como a Alemanha e Japão (que possuem conflitos territoriais com a Rússia) voltarão a se armar para proteção de seus territórios e suas populações. De fato, parece estar aberta uma nova corrida armamentista no planeta.

O conflito se mostra longe de acabar, e as sanções aplicadas não surtiram o efeito desejado contra o Kremlin

ANÁLISES SOBRE OS DILEMAS DE SEGURANÇA

A primeira análise sobre a segurança chama a atenção para a Ucrânia, que é um importante celeiro mundial e produz cerca da metade do óleo de girassol do mundo, além de ser responsável por grande parte do comércio mundial de milho e trigo (KRAJNC, 2022). O conflito congelou tais exportações, após a Rússia bloquear o acesso aos portos ucranianos no Mar Negro.

⁴ Em linhas gerais, *hard power* pode ser entendido como a capacidade de levar o outro a fazer o que queremos, usando-se meios de demonstração de força. Esses meios podem ser militares, de sanções econômicas ou incentivos financeiros. Nem sempre se incluirá o conflito armado.

Esse estrangulamento tem sido sentido especialmente por países dependentes da importação de grãos e óleo de cozinha ucranianos, como a Índia (JADHAV, 2022). No entanto os efeitos cascata são muito mais amplos.

O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas alerta que o conflito, somado ao clima extremo, devido às mudanças climáticas, e ao choque econômico induzido pela pandemia, está impulsionando uma crise alimentar global (ONU, 2022). Em maio, o Conselho advertiu que os níveis de fome em todo o mundo atingiram um novo recorde e acrescentou que dezenas de milhões poderão enfrentar fome, a longo prazo, devido à guerra (ONU, 2022).

Na iminência da ameaça à segurança alimentar dos países que dependem das exportações da Ucrânia e da Rússia, abre-se uma interessante janela de oportunidade aos produtos brasileiros como alternativa para amenizar a falta de suprimentos. Por outro lado, o aumento da participação brasileira nos mercados internacionais de soja e milho pode representar um problema de abastecimento interno, com pressões inflacionárias sobre os preços dos alimentos, que já apresentam tendência de alta no mercado nacional. Vale lembrar que o valor do milho é decisivo para a formação dos preços de carne suína e frango.

A segunda análise recai sobre a segurança energética. A Alemanha anunciou a estruturação de um plano de contingência, visando se preparar para uma possível escassez de petróleo e gás russos. Esse plano passa muito mais por medidas de contenção da demanda do que pela adoção de fontes renováveis para substituir o gás natural. Caso essas medidas sejam insuficientes, a estratégia, em um primeiro momento, não se mostra como uma aposta em energias limpas, mas sim em outras fontes, como o carvão e a nuclear.

No setor elétrico, parte do gás natural consumido poderia ser substituída por carvão, aumentando a atividade das usinas existentes. Embora isso possa aliviar a demanda por gás natural, essa substituição só pode ser temporária, em vista das consequências climáticas da progressão da geração de eletricidade a partir do carvão. Além disso, uma vez que metade do carvão importado para a UE é proveniente da Rússia, uma estratégia de substituição do gás natural por carvão não russo poderia levar a um aumento do preço do carvão num contexto de tensões de mercado (BOUACIDA, RÜDINGER, BERGHMANS, 2022, p. 4, tradução nossa).

O peso relevante de petróleo e gás no consumo energético, associado a inúmeras dificuldades técnicas e regulatórias, é barreira considerável para alavancar as fontes limpas no curto prazo.

O presidente russo anunciou que pretende operacionalizar todo o comércio de gás por meio do rublo em substituição ao euro. Isto seria uma forma de “escapar” de uma das sanções econômicas impostas pelo Ocidente, a de proibir negócios em rublos, ou seja, Putin quer forçar os países europeus a voltarem a utilizar o rublo para reinseri-lo no circuito financeiro global.

Nesse cenário, as empresas alemãs teriam duas opções: ceder às pressões russas e não cumprir as sanções estipuladas pelos países europeus ou interromper a compra do gás russo e colocar a segurança energética alemã sob ameaça.

Em um *policy brief* publicado em março de 2022, o Institut du Développement Durable et des Relations Internationales (IDDR) propõe alguns princípios para acelerar o fim das importações de gás natural da Rússia para a Europa. Para

conseguir isso, os países europeus devem acelerar a implementação de suas políticas de descarbonização, em particular as estratégias de redução da demanda de energia. Isto significa aumentar a ambição na área de modernização de edifícios, o que pode ter um impacto a curto prazo. Além disso, existem medidas cujo efeito se limita ao curto prazo, como o racionamento voluntário ou regulado do consumo de energia e a diversificação dos suprimentos, desde que não conduzam a um bloqueio do consumo de energia fóssil (BOUACIDA, RÜDINGER, BERGHMANS, 2022).

Finalmente, há a segurança armamentista. O conflito parece enviar uma clara mensagem: quando se tem armas nucleares, ninguém mexe com você. Os riscos de segurança que isso representa não podem ser superestimados.

Poucos dias depois de iniciar a invasão da Ucrânia, Putin anunciou que havia colocado as forças nucleares da Rússia em “alerta máximo”, um claro aviso ao Ocidente para não intervir militarmente em nome da Ucrânia. E isto parece ter funcionado. Apesar do implacável bombardeio da Rússia, incluindo áreas civis, os EUA recusaram categoricamente os repetidos pedidos do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, de uma zona de exclusão aérea imposta pela Otan. A razão é simples: o Ocidente teme as consequências de uma guerra total com uma potência com armas nucleares.

A quem interessa a possibilidade de um conflito armado na Ucrânia? De imediato, ganha quem fatura com a venda de armas. O risco de um enfrentamento e o aumento da tensão são os ingredientes necessários para unir o que as discussões políticas não permitem.

O uso atual da expressão “corrida armamentista” é diferente do empregado na Guerra Fria. No conflito do século XX,

os EUA desenvolveram armas nucleares e obrigaram a URSS a montar seu arsenal. Era o chamado equilíbrio do terror.

Hoje, o sentido da expressão não é exatamente o mesmo. Como a Otan não pode enviar tropas diretamente para a Ucrânia, esta tenta mandar alguma estrutura militar. É mais uma transferência de estrutura armamentista, não exatamente uma corrida para ver quem mais avança no desenvolvimento de tecnologias militares.

Contudo fica muito difícil não acreditar que este conflito estaria marcando um ponto de virada na concepção estratégica dos Estados europeus, o que levaria seus governantes a repensarem suas políticas externas e de segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto do conflito russo-ucraniano na economia mundial ainda não pode ser totalmente contabilizado, uma vez que isso depende da duração e das movimentações geopolíticas que ocorrerão durante o conflito. A escalada do confronto, em função de maior reação por parte dos países ocidentais e das decisões militares da Rússia, tenderá a intensificar os efeitos nocivos sobre as cadeias produtivas mundiais e os mercados financeiros, sempre sensíveis a incertezas.

Neste momento, pode-se perceber que o conflito contribui para retardar a recuperação econômica mundial na fase pós-pandemia, o que impactará negativamente o crescimento das nações.

De forma mais direta e pontual, tem-se o impacto sobre o comércio de combustíveis, fertilizantes e alimentos, dada a participação de Rússia e Ucrânia nesses mercados. Além disso, existe a repercussão mundial das sanções aplicadas à Rússia, que acabam impactando o fornecimento de mercadorias importantes

para países em desenvolvimento, mesmo que totalmente alheios ao conflito.

A garantia da paz e da segurança no continente estão no cerne do projeto europeu. Graças à integração europeia, parece ser difícil imaginar uma nova guerra entre os países daquela União. Atualmente, porém, garantir a segurança implica lidar com ameaças que ultrapassam fronteiras. O poder coercitivo por si só não pode, em caso algum, resolver uma crise. Mas o que se percebe é a necessidade de se complementar o poder persuasivo com maior cooperação no domínio da defesa.

Por fim, há de se ressaltar que os impactos sobre a inflação global devem

provocar uma reação defensiva por parte dos bancos centrais, com elevação de juros e conseqüente revisão para baixo do crescimento econômico mundial. Em um espectro mais amplo, inflação combinada com baixo crescimento é uma receita conhecida que produz mais pobreza e fome e acentua as desigualdades.

Costuma-se dizer que dentro de toda crise reside uma grande oportunidade. Embora seja prudente que os Estados continuem a se unir para se oporem a este conflito, também é vital que eles tomem medidas oportunas para mitigar os riscos econômicos de longo prazo que o conflito aumenta e, até mesmo, para reforçar a resiliência e a cooperação futuras.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA>; Geopolítica;

<GUERRAS>; Conflito; Relações Internacionais;

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AFP. “Biden levou relações com a Rússia à beira da ruptura”. Youtube. 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tJu5S2yT4I>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- AFP. “Brigada blindada dos EUA chega à Polônia e Rússia protesta”. *Exame*. 12 jan. 2017. Disponível em: <https://exame.com/mundo/brigada-blindada-dos-eua-chega-a-polonia-e-russia-protesta/>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- BBC. “Quanto o mundo depende de petróleo e gás da Rússia?”. Youtube. 16 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oj7d6hyq0lg>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- BOUACIDA, Ines, RÜDINGER, Andreas, BERGHMANS, Nicolas. “Sortir de la dépendance au gaz naturel russe: quelles stratégies pour l’UE et la France?”. França: IDDRI, *Document de Propositions*, nº 2, 2022.
- CIRINCIONE, Joseph, WOLFSTHAL, Jon B., RAJKUMAR, Miriam. *Deadly Arsenals: Nuclear, Biological, and Chemical Threats*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, 2005.
- FERRAZ, Mariana. “UE fala em ampliar autonomia estratégica e seguir os próprios interesses”. *Poder360*. 06 out. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/ue-fala-em-ampliar-autonomia-estrategica-e-seguir-os-propios-interesses/>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- JADHAV, Rajendra. “Índia para de comprar óleo girassol com conflito na Ucrânia, dizem comerciantes”. Reuters, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.mixvale.com.br/2022/02/25/india-para-de-comprar/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

- KRAJNC, Hugo. “La guerra entre Rusia y Ucrania: Una mirada desde la perspectiva agroindustrial”. Argentina: Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales (CARI), 2022.
- MORAES, Marcio Senne de. “Kiev deu início tanto à Ucrânia quanto à Rússia”. *Folha de São Paulo* (2004). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2611200403.htm>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Memorandum on Security Assurances in connection with Ukraine’s accession to the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons”. Budapeste, 1994. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwivtsKKpdD4AhXOVJUCHfnDC0MQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.pircenter.org%2Fmedia%2Fcontent%2Ffiles%2F12%2F13943175580.pdf&usg=AOvVaw1tm0DGOAz1_iFkjTpxPv5T. Acesso em: 24 jun. 2022.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Perspectiva Global Reportagens Humanas” 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1789662>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- PODER360. “Suíça aplicará as mesmas sanções da UE à Rússia”. Poder360, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/suica-aplicara-as-mesmas-sancoes-da-ue-a-russia/>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- PRESSE, France. “Rússia dá início aos seus maiores exercícios militares desde a Guerra Fria”. Rio de Janeiro: G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/11/russia-comeca-as-maiores-manobras-militares-desde-a-guerra-fria.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- RAHMAN, Abdul. “O papel do Acordo de Minsk na crise Rússia-Ucrânia”. Brasília: Vermelho, 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/02/24/o-papel-do-acordo-de-minsk-na-crise-russia-ucrania/>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- SANCHES, Mariana. “Por que os EUA decidiram relaxar sanções contra a Venezuela agora?”. BBC News; 17 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61488916>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- SANCHES, Mariana. “Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia”. BBC News; 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- VELOSO, Natalia. “Rússia descarta possibilidade de declarar guerra à Ucrânia”. Poder360; 4 maio 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/russia-descarta-possibilidade-de-declarar-guerra-a-ucrania/>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- VIRGULINO, Matheus Castanho. “A remilitarização da Alemanha: o despertar da águia”. *Internacional da Amazônia* (2022). Disponível em: <https://internacionaldaamazonia.com/2022/03/29/a-remilitarizacao-da-alemanha-o-despertar-da-aguia/>. Acesso em: 25 jun. 2022.